



NÃO TEM CRIME ALGUM!¹

THERE'S NO CRIME!

Júlio César Tavares Dias*

Mário Ferreira Ribas (1971-2019) foi um sacerdote da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) bastante ativo que nos deixou de forma abrupta em 19 de março de 2019 devido à doença hepática crônica. O livro em questão é uma homenagem à sua memória, seu ministério e à obra teológica audaciosa que produziu. O título do livro é bastante provocativo. Teixeira Filho assim explica:

'O Crime do Padre Amaro' é um dos mais famosos romances do escritor português Eça de Queiroz. No início de 2000, Mário Ribas escreveu um blog de ensaios e chamou-o de forma irônica, 'Os Crimes do Padre Mário'. Ele era 'culpado' de falar às pessoas oprimidas como ele, e de sonhar com uma igreja mais inclusiva. Esses eram 'seus crimes'. Tais ensaios foram publicados online, e seus elementos foram aprofundados em suas obras posteriores.³

Os organizadores são sacerdotes da IEAB, que reuniram autores que estiveram ligados ao ministério de Ribas. Coelho escreveu a introdução do livro e Souza escreveu seu epílogo. O livro elenca alguns artigos de Ribas, e para cada um deles um outro foi escrito em resposta. Coelho traça breve relato biográfico, salientando o caminho ministerial e acadêmico de Ribas, que serviu ao anglicanismo no Brasil e ao anglicanismo internacional, pois, entre outras atividades, "estabeleceu conexões com os grupos Integrity, da Igreja Episcopal nos Estados Unidos, e Changing Attitude, Igreja da Inglaterra. Por fim, foi colaborador regular da revista The Witness e serviu como consultor

¹ Resenha da obra: CORRÊA E SOUZA, Inamar; TEIXEIRA FILHO, Luiz Coelho (org.). **Os Crimes do Padre Mário**. Porto Alegre: Editora e Livraria Inclusividade, 2022.

* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. E-mail: julio.tavares.dias@gmail.com

³ CORRÊA E SOUZA; TEIXEIRA FILHO, 2022, p. 7, nota 2.



em vários órgãos de educação teológica e inclusão LGBT”⁴. Ribas é filho de família evangélica conservadora, o que, com certeza, marcou-lhe negativamente. Foi na IEAB que encontrou um ambiente agradável para viver sua fé, mas aquelas experiências familiares manchadas pelo fundamentalismo trouxeram-lhe marcas que tentou superar em toda sua vida com sua prática teológica e ministerial. Segundo Coelho, “O trabalho de Ribas é fruto do que Boff e outros chamam de ‘quarta geração’ da Teologia da Libertação, ao rever o que foi produzido anteriormente dando um novo impulso para conceitos bem estabelecidos”⁵. Coelho relaciona teólogos(as) que influenciaram o pensamento de Ribas (e seu ministério). Entre suas influências estavam representantes da Teologia latino-americana LGBT e feministas (Marcela Althaus-Reid, André Musskopf e Ivone Gebara) e representantes da teologia anglicana contemporânea (John A. T. Robinson, Jaci Maraschin, Mathew Fox e Sara Coakley). Mas, o alcance da obra de Ribas não é apenas na tradição anglicana, “é amplamente ecumênico e aplicável a uma variedade de configurações eclesiais e consistentemente se encaixa no eixo mais amplo do cristianismo progressista”⁶.

O primeiro artigo de Ribas, *Libertar Maria, Libertar o Pobre*, tem por intenção “explorar como a iconografia cristã reflete um paradigma heterossexual do dogma, tornando-se assim uma fonte de controle sobre as massas latino-americanas que fazem uso da iconografia na religiosidade popular”⁷. A resposta a este artigo vem de Simões, que frisa seu lugar de fala: “Este é o texto de um teólogo que foi paroquiano de Mário e que conversou com ele ao menos três vezes por semana durante um ano, aproximadamente, e que inclusive falou com ele nas suas últimas horas de vida”⁸. Mas não só com Mário que Simões tem uma relação bastante emotiva, tem-na também com o próprio artigo a que se propõe comentar: “[é o texto] que me introduziu realmente ao que é Teologia Queer. Eu nunca havia lido absolutamente nenhuma linha de Teologia Queer antes de ler este texto”⁹. O resultado é um texto crítico do artigo de Ribas, mas ao mesmo tempo de muito sentimento, pois o autor rememora a última conversa por telefone com Ribas.

⁴ COELHO; SOUZA, 2022, p. 10.

⁵ COELHO; SOUZA, 2022, p. 12.

⁶ COELHO; SOUZA, 2022, p. 17.

⁷ COELHO; SOUZA, 2022, p. 29.

⁸ COELHO; SOUZA, 2022, p. 47.

⁹ COELHO; SOUZA, 2022, p. 47.



Em *O debate sobre a homossexualidade na comunhão anglicana e a “nova moralidade” de John Robinson*, Ribas descreve como a homossexualidade vinha sendo tratada sempre com um pouco mais de abertura pela Comunhão Anglicana até a ofensiva conservadora dos chamados “bispos do sul” com a Declaração de Kuala Lumpur, Malásia. Essa declaração, embora redigida por uma minoria de bispos, foi recomendada pela Conferência de Lambeth, que no ano de 1998 elaborou um relatório bastante retrógrado (e em alguns pontos ambíguos) frente aos das últimas Conferências. Ribas propõe então a teologia de John Robinson para iluminar a questão. “Robinson combate a maneira como os seres humanos têm sido tratados como se fossem construídos a partir de uma fórmula matemática, que ignora todas as complexidades da vida e das relações”¹⁰. E “A expressão sexual em Robinson é sujeita a lei do amor, e não a lei do matrimônio [...] Robinson tenta restaurar a ética, purificando-a de todo moralismo agregado durante o desenvolvimento da tradição cristã”¹¹. A este artigo de Ribas, Arthur Cavalcante respondeu com *Não Peça Licença para Ser Quem Você É!* Mostra como se deram os debates na IEAB sobre a sexualidade nos anos posteriores a publicação do artigo de Ribas em 2002, culminando com a aprovação do casamento igualitário pelo sínodo da Igreja em 2018. Esse caminho não foi fácil e linear, tendo que enfrentar a oposição do bispo conservador Robinson Cavalcanti, que gerou dois cismas na diocese de Recife.

O artigo *O fundamentalismo cristão é a verdadeira invenção ocidental: Adeus, Lênin, e o universo paralelo* combina dois artigos de Ribas. Nele Ribas parte da metáfora do canário de mina, usado por mineradores para identificar a salubridade do ar. Assim nem sempre o ar da Igreja é seguro para todos: “Infelizmente, a história do mundo tem mostrado que a igreja não tem sido um lugar seguro para estarmos, especialmente se você for mulher, negro ou negra, lésbica, trans ou gay”¹². Na segunda parte do artigo Ribas parte de uma analogia com o filme *Adeus, Lênin*, no qual a protagonista, extremamente envolvida com o Partido Comunista, tem um ataque cardíaco e fica em coma, durante o qual cai o muro de Berlim. De volta do coma, o filho faz de todos os esforços para evitar que ela sofra mais problemas emocionais, faz de tudo para fingir a ela que o mundo permanece o mesmo. Assim, “O coração da igreja é muito frágil para

¹⁰ COELHO; SOUZA, 2022, p. 67.

¹¹ COELHO; SOUZA, 2022, p. 68.

¹² COELHO; SOUZA, 2022, p. 132.



lidar com a realidade e aceitar que o mundo realmente mudou, então, em vez disso, muitas vezes insiste em recriar o passado”¹³. Alex Souto responde a Ribas com o texto *A Igreja nos Tempos de Pandemia*, em que tenta mostrar como o argumento de Ribas se aplica no contexto da pandemia de COVID-19. Para Souto o contexto pandêmico é uma prova para as igrejas: “as igrejas relevantes se tornaram mais relevantes ainda, e as igrejas que traficam em superficialidades, manipulações e subterfúgios continuarão com seus prédios vazios ou ocupados por zumbi”¹⁴.

Em *Igreja no Armário*, Ribas usa uma metáfora bastante comum na comunidade gay em vários lugares do mundo: sair do armário é assumir publicamente sua identidade sexual. Segundo Ribas,

Uma ‘Igreja no armário’ significa basicamente o mesmo que significa para as pessoas LGBT. É uma Igreja que tem medo de exercer o seu papel profético; é uma Igreja que está em conformidade com a realidade sociopolítica, ao mesmo tempo que nega sua vocação de ser um movimento contracultural.¹⁵

O texto *Eles Continuam Dentro; Nós Fora!* que escreveu André Musskopf, em resposta ao texto *Igreja no Armário* de Ribas, é um texto também altamente sentimental. Musskopf escreve uma carta à Ribas relatando os avanços da inclusão dos LGBT+ nas igrejas desde que Ribas escreveu seu texto. Sua carta também informa o falecimento de outra importante colega, a teóloga Marcela Althaus-Reid.

No artigo *Praticando uma teologia sexual*, Ribas discute a exigência que uma parte da igreja fez de que homossexuais mantivessem o celibato para que fossem minimamente aceitas. Ribas expõe o contrassenso dessa norma, visto que “Ser homoafetivo é muito mais que praticante do sexo com alguém do seu próprio gênero”¹⁶. O discurso “amar o pecador, odiar o pecado” é para Ribas o típico discurso colonizador: “Os colonizadores declaravam seu ‘amor’ pelo colonizado ao mesmo tempo em que odiavam a cultura e o modo de viver”¹⁷. Esse tipo de discurso torna “certo grupo de pessoas em objeto permanente de estigmatização”¹⁸. Ana Figueiroa responde a Ribas com o artigo *Castidade e Celibato, do controle dos corpos e dos desejos*. Relembra sua própria experiência: “quem poderá explicar aquelas certezas e sentimentos não

¹³ COELHO; SOUZA, 2022, p. 136.

¹⁴ COELHO; SOUZA, 2022, p. 141.

¹⁵ COELHO; SOUZA, 2022, p. 115.

¹⁶ COELHO; SOUZA, 2022, p. 154.

¹⁷ COELHO; SOUZA, 2022, p. 149.

¹⁸ COELHO; SOUZA, 2022, p. 150.



nomeáveis que me pertenciam àquela época em que, no fervor adolescente, acreditei na Castidade e no Celibato como áureos momentos de dedicação e santidade na fé?”¹⁹ Para ela, “Mário dedica um tempo especial para explanar sobre o papel da compreensão do sexo como pecado na fundação do pensamento teológico” de modo que “Não é de estranhar que a maioria dos gays, lésbicas e demais letras do arco-íris se desapegam do cristianismo e da cristandade em geral como mecanismo de sobrevivência, inclusive de sua espiritualidade”²⁰.

Inamar de Souza escreveu o *Epílogo*, relato pessoal de como escutar um sermão de Ribas na I Consulta Nacional sobre Sexualidade Humana da IEAB afetou sua vida e inspirou seu ministério. A autora relembra a atuação de Ribas na IEAB e às vezes que teve contato com ele. Lembra de ter que visitar a casa pastoral da Missão do Bom Samaritano onde Ribas morava e ter de separar seus pertences para entregá-los à família, alguns deles ficando para a diocese. Faz uso da ironia presente no título do livro repetidas vezes. Para ela, “O crime básico de Padre Mário sempre foi misturar o sagrado e o profano”²¹, “Seu crime cotidiano sempre foi inovar”²², “esse o seu maior crime: envolver-se”, “A coragem de seguir em frente mesmo nos momentos mais turbulentos interiormente foi seu crime mais sutil”, “Seu maior crime existencial com certeza foi realizar seus planos”²³. E termina com uma carinhosa mensagem: “Agora você pode cometer os seus singelos crimes em paz”²⁴. Para todos que sonham com uma igreja segura para todos e amplamente inclusiva, Mário Ribas não cometeu crime algum!

Recebido em: 07 ago. 2023.

Aceito em: 30 ago. 2023.

¹⁹ COELHO; SOUZA, 2022, p. 164.

²⁰ COELHO; SOUZA, 2022, p. 167-168.

²¹ COELHO; SOUZA, 2022, p. 171.

²² COELHO; SOUZA, 2022, p. 173.

²³ COELHO; SOUZA, 2022, p. 174.

²⁴ COELHO; SOUZA, 2022, p. 175.